O salto ainda mais mortal que o da mercadoria e a pandemia do coronavírus.

El salto aún más mortal que el de la mercancía y la pandemia de coronavirus.

Le saut encore plus mortel que celui de la marchandise et la pandémie de la Covid-19

The leap even more deadly than that of merchandise and the coronavirus pandemic

Oséias Teixeira da Silva

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/espacoeconomia/10822>

DOI: 10.4000/espacoeconomia.10822

ISSN: 2317-7837

Editora

Núcleo de Pesquisa Espaço & Economia

Referência eletrônica

Oséias Teixeira da Silva, « O salto ainda mais mortal que o da mercadoria e a pandemia do coronavírus. », *Espaço e Economia* [Online], 17 | 2020, posto online no dia 07 abril 2020, consultado o 21 abril 2020. URL : <http://journals.openedition.org/espacoeconomia/10822> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/espacoeconomia.10822>

Este documento foi criado de forma automática no dia 21 abril 2020.

© NuPEE

O salto ainda mais mortal que o da mercadoria e a pandemia do coronavírus.

El salto aún más mortal que el de la mercancía y la pandemia de coronavirus.

Le saut encore plus mortel que celui de la marchandise et la pandémie de la Covid-19

The leap even more deadly than that of merchandise and the coronavirus pandemic

Oséias Teixeira da Silva

- 1 No livro *Contribuição a Crítica da Economia Política*, Marx (2003) descreve aquilo que ele denomina o salto mortal da mercadoria. Desde que li esse texto fiquei fascinado por essa bela metáfora. O salto mortal da mercadoria representa o momento em que a mercadoria, depois de concluído processo de produção, se destina ao mercado. É lá e somente lá no mercado que a natureza da mercadoria como trabalho útil, ou seja, trabalho que produz valores de uso se confirma. Se uma mercadoria não encontra comprador no mercado, então o seu caráter de valor de uso se perde assim como o capital despendido nela.
- 2 Marx (2003) denomina este momento de salto mortal da mercadoria justamente porque ao ser produzida a mercadoria exige um adiantamento de capital na forma de capital variável (salários dos trabalhadores) e capital constante (máquinas, matérias-primas e instalações). Durante o processo de produção é produzida ao mesmo tempo o produto e a mais valia, fruto da diferença de tempo em que os trabalhadores produzem um conjunto de mercadorias que corresponde ao valor dos seus salários, e o tempo extra que os trabalhadores trabalham a mais, trabalho excedente portanto.
- 3 Ocorre que é apenas no mercado que a mais valia é realizada juntamente com o capital adiantado pelo capitalista. E para que a mais valia potencial, contida na mercadoria, se transforme em mais valia real, efetiva, é preciso que exista não apenas pessoas interessadas em comprar o produto, mas também que essas pessoas tenham dinheiro

para comprar esse produto, isso em economia se chama demanda solvável. Quando um atleta dá um salto mortal ele não tem condição de ver para onde está indo ou onde cairá. Da mesma forma quando um capitalista produz mercadorias, ele não tem nenhuma garantia que encontrará demanda solvável para a mercadoria produzida. E caso ele não encontre demanda solvável ele não perderá somente a mais-valia incorporada na mercadoria, mas também poderá perder o capital adiantado na forma de capital variável e capital constante.

- 4 Assim Marx aponta para o fato de que o capitalista está sempre sujeito a tentação de valorizar o seu capital sem passar pelo processo produtivo, através do ciclo encurtado $D - D'$, ou seja capital adiantado como investimento financeiro que retorna, acrescido de mais dinheiro, obtido a partir da valorização dos ativos. Daí se evita o salto mortal da mercadoria, e se chega ao grande sonho e fetiche do capital, produzir dinheiro a partir de dinheiro. Mas será mesmo que a financeirização da economia evita o salto mortal da mercadoria, que também é o salto mortal da mais valia e do próprio capital, pois do sucesso desse salto depende a continuidade da existência desse capital particular, ou apenas o transforma em um salto ainda mais arriscado? Para compreender isso temos que penetrar um pouco nos gargalos do processo de produção de mais valia, que é também o processo de produção do capital, já que a mais valia obtida e realizada em um ciclo produtivo se torna parte do capital acrescido no ciclo seguinte, dando a acumulação de capital a forma de espiral infinita descrita por Marx (1987).
- 5 O ciclo do capital produtivo é descrito pela fórmula $D - M' - D'$: resumidamente o capitalista adianta o capital, na forma de capital variável, que consiste no conjunto dos salários dos trabalhadores contratados e na forma de capital constante, que consiste no caso de ser o primeiro ciclo produtivo desse capital na compra de máquinas, instalações industriais e matérias-primas para a produção. Depois de reunidos todas as condições materiais segue-se o processo produtivo, no qual é produzida a mais valia que é incorporada a mercadoria e vendida no mercado.
- 6 Esse ciclo produtivo enfrenta contradições em todos os seus momentos: no primeiro momento, o da aquisição das mercadorias para iniciar o processo produtivo, a principal contradição está na possibilidade do capital não encontrar as mercadorias na quantidade e qualidade adequada ao processo produtivo. Em relação a força de trabalho, o capitalista pode não encontrar trabalhadores em quantidade suficiente para suprir o processo produtivo, ou pode ser que esses trabalhadores não tenham as qualificações necessárias para sua inserção no processo produtivo. É possível também que haja no mercado falta de matérias-primas, de peças ou de máquinas e que isso leve a interrupções do processo produtivo o que é mais incomum, mas tem ocorrido nas últimas semanas devido a quarentena imposta aos trabalhadores na China.
- 7 Durante o processo produtivo em si, as contradições estão relacionadas diretamente a relação entre o capital e o trabalho. O capital busca ampliar cada vez mais o trabalho excedente seja através do aumento do número de horas de trabalho ou através do aumento da produtividade do trabalho que implica no fato de que os trabalhadores produzirão em menos tempo o valor correspondente ao capital variável. O trabalho, por outro lado, busca ampliar o salário como forma de obter um maior número de bens o que implicaria portanto em redução da mais valia e do lucro a menos que os aumentos salariais se deem abaixo do crescimento da produtividade. Os conflitos entre capital e trabalho aparecem de diferentes formas, desde aquelas mais sutis, como a redução do ritmo de trabalho pelo trabalhador, até forma mais evidentes como greves. Quando o

trabalhador entra em greve, cada hora não trabalhada implica em mercadorias não produzidas, ou seja, significa que um certo volume de mais valia não será produzida uma vez que as mercadorias nas quais essa mais valia se incorporaria também não serão.

- 8 O momento da realização no mercado, quando a mais valia se converte de potencial em real, é como já dissemos a fase mais crítica da acumulação de capital. E aqui, os papéis se modificam pois o trabalhador aparece como consumidor e como os trabalhadores representam percentualmente a maior parte da população de qualquer país capitalista a capacidade conjunta de consumo da classe trabalhadora determinará a capacidade que esse consumo terá de realizar a mais valia presente em todas as mercadorias produzidas. Como obviamente a capacidade de consumo dos trabalhadores depende de sua renda, aqui encontramos outra contradição dessa vez entre dois momentos distintos do ciclo do capital: por um lado para o capitalista individual na sua relação com o trabalho, interessa a redução ao máximo do valor despendido com capital variável seja ampliando a carga horária, seja reajustando os salários abaixo do crescimento da produtividade, ou caso seja possível reduzindo o salário nominal dos trabalhadores. Por outro lado, para o conjunto dos capitalistas na sua relação com o conjunto dos trabalhadores interessa o aumento do valor global do capital variável, pois quanto mais dinheiro os trabalhadores, na condição de consumidores tiverem, maior será a capacidade de conversão da mais valia potencial em real.
- 9 Isso leva a uma situação em que temos uma capacidade crescente de produção de mercadorias, devido a reinserção da mais valia em novos ciclos produtivos que se confronta com uma capacidade muitas vezes decrescente, ou que, pelo menos, não cresce no mesmo ritmo, de consumo das mercadorias produzidas pela sociedade, composta principalmente por trabalhadores assalariados. Esse é um dos elementos das crises periódicas de superprodução, em que temos, como afirma Marx (1987), de um lado capital ocioso e de outro trabalho ocioso sem nenhuma perspectiva de que eles se combinem para a produção da riqueza. Dessa forma o investimento no mercado financeiro pode parecer uma alternativa vantajosa que permitiria a acumulação de capital sem passar pelo ciclo do capital produtivo evitando seus percalços, principalmente sem enfrentar o salto mortal da mercadoria.
- 10 Mas será que o capital financeirizado, que se valoriza a partir da compra e venda de ativos realmente significa a supressão da necessidade do salto mortal da mercadoria, ou apenas a substitui por um salto ainda mais mortal? Harvey (2018) analisa a contradição entre o valor e o antivalor como molas propulsoras do capitalismo. O valor é a riqueza gerada dentro do processo de produção o que implica na produção da mais valia e sua realização no mercado. Já o antivalor se relaciona com a produção de dinheiro, de dívidas que são utilizadas para alavancar a produção capitalista de valor ou mesmo dinheiro novo fabricado pelo Estado. Assim todo antivalor gerado pelo sistema, sobre a forma por exemplo de dívidas ou de dinheiro criado do nada pelos governos permitem investimentos principalmente no meio ambiente construído, ou seja, construção de cidades, pontes, ferrovias de alta velocidade, etc, terá que ser resgatado em algum momento pela geração de valor que só poderá acontecer caso os espaços produzidos a partir do antivalor sejam efetivamente comprados e utilizados.
- 11 O autor afirma que a China conseguiu resgatar o mundo da crise de 2008 a partir da geração maciça de antivalor, dinheiro gerado pelo Estado, que foi investido em um gigantesco programa de obras que permitiu a edificação de cidades inteiramente novas,

além de pontes, ferrovias, sistemas de transmissão e todo tipo de infraestrutura produtiva. Todo esse enorme esforço de produção de um novo meio ambiente construído levou a que a China consumisse em apenas quatro anos, entre 2008 e 2011, o mesmo volume de cimento que os EUA consumiram ao longo de um século. Toda essa produção gerou uma necessidade enorme de todo tipo de máquinas, matérias-primas produzidas mundo afora, além de ter sido capaz de praticamente zerar o desemprego que vinha crescendo na China depois da crise. No entanto, se todo esse antivalor gerado permitiu a retomada do crescimento econômico chinês e do mundo num primeiro momento, em algum momento terá que ser resgatado pela produção de valor, que só será possível se todas as cidades e infraestruturas produzidas forem efetivamente utilizadas.

- 12 Devido a enorme massa de antivalor gerado nesse processo é pouco provável que ele possa ser resgatado pela produção futura de valor, considerando que boa parte das novas cidades construídas, por exemplo, permanecem até hoje vazias. Pouco provável mas não totalmente impossível, uma vez que por exemplo, a geração de novo antivalor, a oferta de crédito para que investidores estrangeiros comprem esses imóveis, por exemplo, pode permitir que a mais valia potencial existente neles seja realizado e que o antivalor seja enfim resgatado pelo valor, mas contraditoriamente a partir da produção de mais antivalor. A situação que temos, no entanto, no mercado financeiro difere a meu ver dessa relação problemática existente entre valor e antivalor.
- 13 Segundo Liu (2017) os mercados de ações são imensos esquemas de pirâmide. Isto porque as pessoas acreditam que quando comprem a ação de uma empresa estão comprando o direito sobre uma parte da lucratividade gerada por ela. Mas não se trata disso, pois na verdade o investidor A que compra uma ação espera vendê-la depois de um certo tempo por um valor maior. Por sua vez isso só será possível se houver um investidor B, disposto a comprar essa ação por esse valor maior na esperança de revender essa ação para um investidor C por um valor ainda maior e assim sucessivamente. Portanto a dinâmica dos mercados de ações passa a ter mais relação com a existência de liquidez, ou seja, abundância de dinheiro barato do que com o desempenho das empresas. Isso explica porque uma empresa como a Tesla, gera prejuízos milionários a cada ano mas tem seu valor de mercado ampliado sempre ampliado. Então temos um descolamento entre o valor real dos ativos e seu valor cotado em bolsa. O valor real de um ativo depende da relação dele como representação de um direito a mais valia futura e o valor realmente produzido. Dessa forma o valor “real” da ação de uma empresa se relaciona com sua capacidade de gerar lucros e portanto dividendos, enquanto o valor de um título da dívida pública se relaciona com a capacidade de arrecadação do Estado.
- 14 Como toda a riqueza gerada no mercado financeiro está ligada ao aumento do valor dos ativos e portanto com o descolamento entre o valor “real” do ativo e seu valor de mercado, podemos afirmar que todo o mercado financeiro é um imenso esquema de pirâmide, em que a maioria dos ganhos auferidos dependem da crença de que os ativos continuarão subindo infinitamente e que sempre se irá conseguir vender um ativo mais caro do que ele foi comprado. Obviamente isso é uma crença totalmente irracional. E nos momentos em que a liquidez no mercado se reduz, os investidores reavaliam seus portfólios e aí descobrem algo que tenderam a sempre ignorar: que estão abarrotados de ativos inflados que tendem a desvalorização. Quando a corrida pela venda de ativos começa temos uma desvalorização maciça que se contrapõe as fases de euforia em que

temos um boom de crescimento dos preços dos ativos e formação das bolhas especulativas. Assim temos um salto mortal muito mais perigoso que o da mercadoria, uma vez que sempre terminará em desastre, embora não para todos.

- 15 Então ao capital investido em bolsa caberia a denominação de capital fictício, ou seja, dinheiro que gera dinheiro sem vinculação direta com nenhum processo de produção de valor, nem mesmo com a formação de antivalor, ligado ao investimento na produção material, seja no setor imobiliário ou na produção de infraestruturas de produção, transporte ou telecomunicação. É dinheiro que gera mais dinheiro, apenas porque existe dinheiro em abundância no mercado e então existem outras pessoas dispostas a pagar mais por aquele ativo esperando vendê-lo no futuro ainda mais caro. Portanto ao lado da polarização entre valor e antivalor, sendo o valor produzido atualmente e o antivalor dinheiro levantado para produção de um meio ambiente construído e que terá que ser usado no futuro para que esse antivalor seja resgatado, temos também o capital fictício, fruto de um enorme esquema de pirâmide, em que a geração de riqueza não está relacionada aos processos produtivos mas a liquidez presente na economia que permite a valorização dos ativos.
- 16 O que tudo isso tem a ver com a pandemia de coronavírus? Tudo na verdade, pois a pandemia afeta tanto a esfera de produção de valor pelo capital produtivo, quanto a geração de capital fictício nos mercados financeiros. A pandemia afeta todos os momentos do ciclo do capital produtivo pois, se o capital é valor em movimento como afirma Harvey (2018) esse movimento que é o movimento cíclico $D - M' - D'$, incorpora também deslocamento de pessoas e mercadorias e portanto o movimento do capital é também movimento espacial. E o que a pandemia faz é obrigar as pessoas à imobilidade, a quarentena, o que afeta todos os momentos do ciclo do capital produtivo.
- 17 No primeiro momento, o da aquisição dos elementos necessários para a produção, a pandemia leva a falhas de logística em que as cadeias globais de valor se rompem devido ao fato de locais de produção estão em quarentena e portanto não estão produzindo. No segundo momento, o da produção, a pandemia acirra os conflitos entre capital e trabalho quando por exemplo o capital deseja manter a produção, enquanto os trabalhadores querem parar a produção e ficar em casa com seus familiares. No terceiro momento o da troca no mercado, obviamente temos um tremendo impacto com o fechamento do comércio. Algumas atividades econômicas que dependem diretamente do consumo do espaço e do deslocamento, como o turismo são fortemente afetados.
- 18 Mas a pandemia também afeta o circuito da geração do capital fictício. Ao acertar em cheio a economia real e reduzir a liquidez disponível na economia, a medida que diferentes agentes retiram seus recursos do mercado financeiro para se proteger de uma possível crise, a pandemia expõe a formação de bolhas especulativas e o descolamento entre o valor “real” e de mercado dos ativos. E aí bilhões ou mesmo trilhões de dólares se perdem de um dia para o outro, simplesmente porque nunca existiram materialmente, embora ao desaparecer este capital fictício deixe em seu lugar algo muito real: as dívidas que os agentes do mercado financeiro criaram para investir nesses ativos agora desvalorizados ou mesmo transformados em lixo (*junkbonds*).
- 19 Então temos por um lado na economia real, empresas fechando, peças que não chegam e paralisam a produção, acirramento dos conflitos capital e trabalho, aumento do desemprego, enquanto no lado da economia “irreal” do mercado financeiro, temos derretimento das bolsas com perdas bilionárias no valor dos ativos. Qual a solução para

toda essa situação? A única possível dentro do espectro do capitalismo é aquela que está sendo levantada por todos os governos do mundo no momento, ou seja, a criação de colossais quantidades de antivalor, ou seja, dinheiro criado pelo governo para salvar os mercados financeiros, socorrer as empresas e impedir o desemprego em massa. Agora qual o impacto que todo esse antivalor terá na economia, isso irá depender da forma como esses recursos serão utilizados. Se forem usados para investimentos produtivos, levarão a produção de meios ambientes construídos cujo valor terá que ser resgatado pelo seu uso futuro, agora se forem destinados ao sistema financeiro, serão utilizados para repetir o processo de inflação de ativos e surgimento de bolhas especulativas no futuro. Nesse momento a grande questão não está mais na criação e injeção de dinheiro nas economias pelo Estado, fato até há pouco tempo demonizado mais hoje totalmente aceito por todos os economistas. A questão é para quem esses recursos serão destinados: para construir moradias para pessoas sem teto, por exemplo, ou para fornecer liquidez para o sistema financeiro, que quer dizer em outras palavras fornecer dinheiro público para enriquecimento privado na formação de bolhas especulativas.

BIBLIOGRAFIA

HARVEY, David. *Los limites del capitalismo y la teoria marxista*. Cidade do México: Editora Fundo de Cultura Econômica, 1990.

HARVEY, David. *A loucura da razão econômica*. São Paulo: Boitempo, 2018.

LIU, Tan. *The ponzi factor: the simple truth about investment profits*. Nova York; Quanstyle Publishing, 2017.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política (livro primeiro: o processo de produção do capital)*. São Paulo: Editora Bertrand Brasil, 1987.

MARX, Karl. *Contribuição a crítica da economia política*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

RESUMOS

Neste texto, buscamos mostrar como os momentos da produção capitalista estão plenos de contradição especialmente aquele no qual se dá o salto mortal da mercadoria, ou seja, a venda da mercadoria, momento que a sua natureza útil é confirmada. Ao conceber todos os riscos envolvidos nesse salto mortal, a partir de ganhos obtidos no processo de financeirização da economia. A partir da diferenciação entre antivalor; valor e capital fictício mostramos como a financeirização se mostra um salto mortal ainda maior pois se baseia numa valorização de ativos que só pode terminar na formação de bolhas especulativas e na desvalorização dos ativos. Ainda discutimos como a pandemia afeta os momentos da produção do valor e da circulação de capital fictício obrigando a geração de antivalor para manter a economia funcionando.

En este texto, buscamos mostrar cómo los momentos de producción capitalista están llenos de contradicciones, especialmente aquello en lo que ocurre el salto mortal de la mercancía, es decir,

la venta de la mercancía, un momento en el que se confirma su naturaleza útil. Al concebir todos los riesgos involucrados en este salto mortal, basado en las ganancias obtenidas en el proceso de financiarización de la economía. De la diferenciación entre antivalor; Capital y valor ficticios. Mostramos cómo la financiarización muestra un salto mortal aún mayor porque se basa en una valoración de activos que solo puede terminar en la formación de burbujas especulativas y la devaluación de los activos. Todavía discutimos cómo la pandemia afecta los momentos de producción de valor y la circulación de capital ficticio, forzando la generación de antivalor para mantener la economía en funcionamiento.

On veut souligner comment les moments de la production capitaliste sont pleins de contradiction, notamment en ce qui concerne le saut de la marchandise, ça veut dire, l'instant de sa vente et de la confirmation de son utilité. A partir de la distinction entre antivaleur, valeur et capital fictice, on montre comment la financiarisation augmente beaucoup les risques économiques en raison de la valorisation des actives, dont le résultat est la formation des boules spéculatives et la dévalorisation des actives eux-mêmes à la suite. Finalement, on discute comment la pandémie affecte les moments de la production de la valeur et de la circulation de capital fictice afin de garantir aussi l'antivaleur que le fonctionnement de l'économie.

In this text, we seek to show how the moments of capitalist production are full of contradiction, especially the one in which the commodity's somersault occurs, in other words, the sale of merchandise, when its useful nature is confirmed. When conceiving all the risks involved in this somersault, based on gains obtained in the financialization process of the economy. From the differentiation between anti-value, fictitious capital and value we show how financialization shows an even greater somersault because it is based on an asset valuation that can only end in the formation of speculative bubbles and the devaluation of assets. We still discuss how the pandemic affects the moments of production of value and the circulation of fictitious capital, forcing the generation of anti-value to keep the economy functioning.

ÍNDICE

Mots-clés: Covid-19, Brésil, valeur, antivaleur, capital fictice.

Keywords: value; anti-value; fictitious capital; coronavirus.

Palabras claves: valor; antivalor; capital fictício; coronavírus.

AUTOR

OSÉIAS TEIXEIRA DA SILVA

Professor Dr. do Instituto Federal Fluminense – IFF.